

DEUS E NATUREZA O PANTEÍSMO EM *FLORBELA* *ESPANCA* E EM ALBERTO CAEIRO

Daniela Forconi
Fernanda do Vale
Ísis Delmiro ¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: O presente ensaio objetiva apresentar, dentre as várias características presentes nas obras de Florbela Espanca e do heterônimo pessoano Alberto Caeiro – ambos portugueses –, uma breve análise crítica/reflexiva sobre o panteísmo presente na produção poética dos dois autores, considerando estudos sobre o panteísmo de Pierre Teilhard, bem como investigações literárias e históricas sobre a obra e o projeto manifesto de ambos os autores. A análise traz à tona os traços comuns dos poemas e as respectivas divergências, dentro do próprio universo do panteísmo que integra o trabalho dos poetas.

Palavras-chaves: Florbela Espanca. Alberto Caeiro. Lírica panteísta.

Abstract This essay presents, among the various characteristics found in the works of Portuguese poets Florbela Espanca and Alberto Caeiro (an heteronym of Fernando Pessoa), a brief critical and reflexive analysis of pantheism as presented by the two authors in their poems, considering the studies of Pierre Teilhard on pantheism as well as historical research on the work and on the literary project of both authors. The analysis brings out the common aspects of the poems and their differences, within the very universe of pantheism that integrates the work of the poets.

Keywords: Florbela Espanca. Alberto Caeiro. Pantheist Lyricism.

1. O presente trabalho foi realizado a partir das reflexões realizadas por três graduandas do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, durante as aulas da disciplina *Tradições líricas da Literatura Portuguesa: do século 19 à atualidade*, no semestre 2011.2 ministrada pelo professor Antony Cardoso Bezerra.

Introdução

Florbela Espanca e Alberto Caeiro são considerados nomes de relevo na lírica portuguesa, como se vê, por exemplo, na referencial *História da Literatura Portuguesa* de António José Saraiva & Óscar Lopes (1996).

Espanca não obteve grande reconhecimento em vida, ganhando maior destaque após sua morte e, ainda assim, causando grande impressão entre seus pares, entre literatos, público de seu tempo e de tempos posteriores. Com seu modo sensível de tratar literariamente de suas próprias contradições e conflitos, falava, em seus poemas, principalmente, de amor e de dor, temáticas que permearam sua obra em várias esferas. Também abordou motivos relacionados ao nacionalismo e à natureza.

Caeiro, mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa, é um poeta que, no discurso manifesto, rejeita o pensamento e valoriza a percepção das sensações que o ambiente pode proporcionar, trazendo, em sua lírica, temas, majoritariamente, da natureza. Caeiro mostra, em seus poemas, sua ideologia claramente antirreligiosa e seu discurso é aparentemente contraditório quanto à relação entre pensar e sentir.

Globalmente, os dois autores tematizam motivos consideravelmente diversos e supostamente divergentes. Ainda assim, há pontos de convergência, como, por exemplo, a busca pela alma nacionalista, os temas relacionados à natureza e, como será estudado no presente ensaio, o panteísmo.

O panteísmo é designado no dicionário *Aurélio* (FERREIRA 2002) como uma doutrina que identifica a divindade com o universo. José Fernando da Silva (2009) cita Michael Levine para definir o panteísmo como uma perspectiva que assume que Deus “é radicalmente imanente ao mundo”. Atualmente, podemos definir diversas vertentes desta doutrina, como, por exemplo, o panteísmo cristão, que vê toda a natureza como

obra e manifestação do divino; e o panteísmo imanentista que, diluindo totalmente Deus nas coisas, quase se assemelha ao ateísmo. Nessas definições, encaixam-se os respectivos panteísmos de Florbela Espanca e Alberto Caeiro, ambos abordando essa questão em seus poemas – de formas distintas, é claro, pois Caeiro se diz explicitamente panteísta e deixa isso muito claro em seus poemas; ao passo que o projeto manifesto de Espanca não demonstra esta inclinação, ainda que encontremos indícios de tal doutrina em sua poesia. Neste ensaio, pretendemos explorar as diferenças entre os panteísmos expostos por estes dois ícones da literatura portuguesa, de modo a aclarar as questões que permeiam o projeto literário de que são parte as respectivas composições poéticas. Para isso, torna-se necessário um pequeno estudo sobre o panteísmo, para tal, utilizamos as bases teóricas de Pierre Teilhard de Chardin, em *O fenômeno Humano*, suplementada por uma análise contrastiva dos poemas de Espanca e de Caeiro.

O Panteísmo

O termo panteísmo deriva das palavras gregas pan (“tudo”) e theos (“deus”) e sua prática é bem mais antiga do que sua denominação. Em geral, o panteísmo designa uma crença em que não há um Deus uno – divindade é toda a natureza. Porém, no mundo atual, segundo Pierre Teilhard de Chardin (CHARDIN 2010), existem os panteísmos modernos, em que várias vertentes se destacam, de acordo com sua abordagem. Aqui, trabalharemos com as seguintes definições de panteísmo:

- A) Panteísmo cristão: aquele em que cada ser encontra-se supercentrado por união ao Cristo o supercentro divino;
- B) Panteísmo Imanente-Transcendente: segundo o qual Deus se manifesta e se realiza nas coisas;

- C) Eu panteísmo: em que o Ser supremo torna-se um com todos (tudo), ou seja, o Ser supremo se despessoaliza mostrando-se em várias partes de sua criação;
- D) Panteísmo Imanentista: visão panteísta quanto à identidade entre Deus e as coisas materiais, que dilui o divino entre as coisas, equiparando-se, assim, ao ateísmo;
- E) Pseudopanteísmo: em que a divindade torna-se tudo, ou seja, tudo é Deus. (CHARDIN 2010.)

As definições em pauta são importantes para a percepção dos traços panteístas de Espanca e para a definição do conceito panteísta de Caeiro. Vale ressaltar que existem várias outras concepções de panteísmo que não serão explanadas por não serem essenciais ao tratamento do assunto no *corpus*, pois não se encaixam nos indícios marcantes de panteísmo nos poemas.

O Panteísmo em Alberto Caeiro

Alberto Caeiro tem o panteísmo como traço forte de sua lírica. Seus poemas, como vemos na sequência, exaltam a natureza e as sensações proporcionadas por ela como coisas divinas, mas que – teoricamente – não foram criadas por Deus, são Deus. Apesar de, em tese, negar a crença num Ser uno e supremo e renegar a Igreja Católica e seus dogmas, Caeiro mostra algumas tentativas de pertencimento ao mundo ao seu redor, e que acredita e vive essa crença. No poema “IV” do livro *O guardador de rebanhos* (Pessoa, 2011, p.37), podemos ver um traço forte dessa tentativa:

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou...
Sentia-me familiar e caseiro...

Outro traço claro na lírica de Caeiro é a negação da religiosidade, o que nos dá pistas para crer que seu panteísmo se encaixa na definição de panteísmo imanentista, que crê na diluição do divino nas coisas do mundo. No poema “XXX”, também do livro *O guardador de rebanhos* (Pessoa, 2011, p.70), o eu lírico se diz não místico (religioso) e explica o porquê:

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.
O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Podemos ver, nesse trecho, que a negação do pensamento influencia na crença, que depende deste para se concretizar.

No trecho do poema “V” (Pessoa, 2011, p.39), que pertence ao mesmo livro, vemos, ainda com mais força, a questão da ligação entre o pensar e a crença num Ser superior:

Há metafísica bastante em não pensar em nada [...]
[...] Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas)

O eu poético de Caeiro sustenta que pensar em Deus e na criação das coisas é fechar os olhos e não ver as coisas, apenas idealizá-las como se não pudesse vê-las. Num outro trecho do mesmo poema, Caeiro deixa claro seu panteísmo, e nos dá, mais uma vez, indícios claros de um panteísmo imanentista:

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.
Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar

Neste trecho, também do poema “V”, Caeiro dissipa totalmente o divino na natureza, tornando-a o centro da sua crença. O poeta se mostra, em tese, contraditório, pois, no trecho a seguir, retirado do poema “VI” do mesmo livro (PESSOA, 2011, p.43), coloca Deus como um Ser provedor de bonanças, a quem se deve obedecer, mesmo que essa obediência se prove em não pensar Nele.

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou...

Ainda com sua contradição, Caeiro deixa claro seu panteísmo quando exalta a natureza como Deus e não acredita numa superioridade do divino, já que todas as coisas da natureza são divinas e estão ao alcance do toque e da compreensão pelo sentir. Com isso, podemos atribuir um traço pseudopanteísta à lírica de Caeiro, uma vez que, para ele, Deus transforma-se em tudo para que assim possa ser visto.

O Panteísmo em Florbela Espanca

Florbela Espanca, em vários sonetos distribuídos por *Livro de Sórora Saudade* (1923) e *Charneca em Flor* (1930), traz um panteísmo cristão, imanente-transcendente, chegando a se tornar uma espécie de eu panteístico (Deus sendo um com todos, “monismo ocidental”).

Percebemos o seu panteísmo cristão em sonetos em que são feitas exaltações do Criador e o eu lírico se põe, frequentemente, como criatura de um Ser superior, do qual recebe castigos e bênçãos divinas, e a quem também faz pedidos.

No soneto “Alentejano”, do *Livro de Soror Saudade* (ESPANCA, 2002, p.45), é perceptível tal invocação ao Deus; um Deus criador que é capaz de dar a salvação de suas criaturas, portanto um Deus cristão, capaz de prover bonanças ou desgraças como será constatado mais a frente neste ensaio:

A terra prende aos dedos
A cabeleira loira dos trigais
Sob a benção dulcíssima dos céus

Há gritos arrastados de cantigas...
E eu sou uma daquelas raparigas...
E tu passas e dizes: “Salve-os Deus!”

Nos versos a seguir, do soneto “Fanatismo” (ESPANCA, 2002, p.44), observamos a princípio a relação do eu lírico como um eu panteístico, no qual Deus torna-se parte de todos:

“Tudo mundo é frágil, tudo passa...”
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!

Nos dois últimos versos transcritos, temos a referência de um Deus uno com sua criatura, pois a voz Dele se faz presente no íntimo do eu lírico. E, na continuação do soneto, temos:

E, olhos postos em ti, digo de rastros:
“Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Princípio e Fim!...”

Outra vez, um Deus que se revela em sua criatura (criatura que parece ser o interlocutor masculino, a qual a voz poética se refere desde o início em seu “Fanatismo”), e ainda pode-se afirmar que, sendo seu interlocutor um Deus em seu princípio e fim, temos um Deus cristão, no qual tudo e todos se concentram, uma imagem divinal. Pode-se também encontrar respaldo para essa afirmação nos seguintes trechos da *Bíblia*, que atestam a imagem de um Deus reinante, sendo o princípio e fim de todas as coisas:

Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra; as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, que principados, que potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas, as coisas. Nele, tudo subsiste. (Col., 1.15-17)

É perceptível a existência de um Deus que rege tudo e todos, que estava presente antes de tudo que veio a existir. Tal soberania é fácil e constantemente encontrada nos versos de Espanca, bem como a união do seu eu poético a esse Ser imperante (eu panteísmo), como se averigua abaixo:

[...] para buscarem a Deus se, porventura, Tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.” (ATOS, 17.27-28)

Tem-se, então, a exata e nítida “unificação” do divino com o humano, já que se existe por e para Ele, no qual se foi feito a partir desse Ser superior.

Ainda no *Livro de Soror Saudade*, os sonetos “Hora que Passa” e “Exaltação” conservam a temática de um Deus Cristão, no qual suas criaturas o exaltam e se percebem como criação divina. Em “Exaltação” (ESPANCA, 2002, p.61), temos:

Viver!...Beber o vento e o sol!...Erguer
Ao Céu os corações a palpitar!
Deus fez os nossos braços pra prender
E a boca fez-se sangue para beijar!

Também é perceptível toda uma simbiose com a natureza (traço que caracteriza o panteísmo imanentista); todas essas bênçãos vindas do céu permitem ao eu lírico o louvor a esse Deus que presenteia os humanos.

Pode-se ainda identificar outro tipo de panteísmo nos versos acima, o pansensualismo, no qual a natureza se funde ao corpo, evidenciando o desejo, o erotismo. Conforme afirma Dal Farra (*apud* Silva, 2009), “[...] Florbela Espanca descobre para si uma forma de expressão poética que constituirá a sua identidade literária mais marcante: o valor do panteísmo, a utilização da natureza enquanto metáfora do corpo e da sensualidade [...]”. Essa capacidade de realizar os desejos como recompensas do divino são interpretações não excludentes em seus sonetos.

Em “Hora que Passa” (ESPANCA, 2002, p.60), o eu lírico, em seu abatimento e preocupação com a “hora” que, obviamente, “passa”,

permite a aproximação da morte ou envelhecimento. Assim, clama por Deus, queixando-se do que está por vir, deixando implícito um desejo de retardo ou fuga desse processo. Mais uma vez, surge aí a imagem de um Pai que pode ajudar seus filhos, e que determina o tempo de vida de suas criaturas na Terra.

Deus! Como é triste a hora quando morre...
O instante que foge, voa, passa...
Fiozinho de água triste... a vida corre...

Já no livro *Charneca em Flor*, encontramos o soneto “Rústica” (ESPANCA, 2002, p.66), evidenciando mais uma vez o panteísmo anteriormente descrito, que concebe Deus como um ser superior que comanda todos na Terra, podendo conceder graças às súplicas de suas criaturas:

Ser a moça mais linda do povoado.
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sobre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Pode-se verificar ainda a possível analogia de seu panteísmo com o cristianismo, nos versos em que a voz poética explicita o desejo de confiar numa vida eterna, uma vez que os cristãos creem na vida eterna após a morte (descer à “terra da verdade”).

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à “terra da verdade” ...
Meu Deus, dai-me esta alma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

No soneto “Conto de Fadas” (ESPANCA, 2002, p.67), esse tema se repete:

Dou-te, comigo, o mundo que Deus fez!
Eu sou Aquela de que tens saudade,
A princesa de conto: “Era uma vez...”

Contudo, no primeiro verso dessa estrofe, notamos o eu panteístico citado anteriormente, estando, Deus, unificado na voz do eu lírico, permitindo a reflexão de que Deus é parte de todos, portanto, Ele está nela.

Por fim, comentamos o soneto “Panteísmo” (ESPANCA, 2002, p.86), com toda a singularidade do fazer poético de Florbela Espanca no que diz respeito a essa visão de Deus e sua relação com o mundo:

Tarde de brasa a arder, sol de Verão
Cingindo, voluptuoso o horizonte...
Sinto-me luz e cor, ritmo e clarão
De um verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,
Oiço-me gota de água a rir, na fonte,
E a curva altiva e dura do Marão
É o meu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e cismo
Que, neste meu ardente panteísmo,
Nos meus sentidos postos, absortos

Nas coisas luminosas deste mundo,
A minha alma é o túmulo profundo
Onde dormem, sorrindo os deuses mortos!

Claramente pode-se reconhecer o panteísmo Imanente neste soneto: Deus se revelando nas coisas, na natureza mais precisamente. A voz lírica cita Anacreonte (poeta grego que cantava as musas e ao amor) e se vê transformada nos elementos da natureza, possibilitando novamente, uma leitura em simbiose com a natureza, bem como a valorização das sensações.

Por fim, a poetisa expõe o paradoxo existente em sua vida, que mesmo com toda essa beleza divina encontrada na natureza, que por ora se faz unificada nela, sua alma continua em estado de desengano, confusão e ruína.

Cotejo: o Panteísmo em Caeiro e em Espanca

A princípio, podemos observar, francamente, que Caeiro coloca em seu projeto manifesto sua posição ideológico-religiosa e a transpõe em seus poemas. Sua visão particular de Deus, sempre em consonância com sua “antifilosofia” de não pensar, coloca o misticismo de lado, e, não havendo mistério, Deus se faz simples, como as coisas da natureza, mostrando seu traço imanentista em toda sua composição poética que vai além da metafísica, no qual escrever é tão natural quanto sentir e pensar; como afirma Gilles Deleuze (*apud* Christ) – “em que escrever é tão natural quanto passar o vento, [...] como sentir-pensar, absolutamente integrado no ver”. Noutros termos, como já foi explicitado neste ensaio, panteísmo imanentista, no qual Deus se fluidifica/dissolve nas coisas, em especial, para o poeta sensacionista, na natureza. Tem-se, então, a abstração de Deus, a inexistência de um Ser Superior, não havendo aquela relação entre Criador e criatura.

No que diz respeito a Florbela Espanca, depreendemos, de seus sonetos, uma relação com um Deus que muito se aproxima do Deus cristão, aquele que se faz presente entre suas criações (imanente-transcendente), que pode proporcionar bênçãos, é clamado e exaltado pelos seus filhos,

enfim, é o Criador. Um ponto-chave é que esse Deus se “manifesta” nas coisas, ele se faz visível nelas, portanto, é o Ser superior, que a tudo e todos comanda, diferentemente do Deus de Caeiro, que é aquele que simplesmente “é” a natureza.

Um ponto de convergência bastante evidente entre os poetas em análise está no que toca à relação de Deus com a natureza. É evidente a relação simbiótica a qual os autores lançam mão, sendo as formas de correspondência, entre a natureza e Deus, bem semelhantes.

Observa-se, ainda, o fato de Caeiro, na produção de seus poemas, ver-se satisfeito com seu panteísmo, com seu modo de sentir Deus nas coisas, uma sensação que lhe é necessária e natural, como o divino o é. Tudo em harmonia com sua filosofia, ao se declarar um poeta feliz por não se permitir adoecer dos olhos (pensar). Consequentemente, sua relação com a natureza se dá nesse parâmetro de leveza e sensação.

Em Espanca, como sua personalidade poética demonstra toda uma insatisfação, amargura, desconsolo, conflitos existenciais amorosos, além da eroticidade e vaidade próprios da autora, sua correspondência com Deus se faz nesses moldes, se metamorfoseando, sempre suplicando e indagando, pautando a natureza com seu poder imagético nessas características.

Considerações finais

Após as definições e análises realizadas, podemos verificar que, embora relacionados à noção de panteísmo, Caeiro e Espanca têm visões de mundo e ideologias consideravelmente distintas. O primeiro mostra sua pretensão de independência de um ser superior, diluindo essa divindade nas coisas palpáveis do mundo a aproximando-as dele e fazendo-o mais “pertencente” ao mundo. Esse panteísmo imanentista, verificado nos trechos de seus poemas nos confirmam a visão entre a relação de Deus e as coisas empíricas “que dilui completamente Deus nas coisas e assim se

equipara ao crasso ateísmo materialista” (CHARDIN, 2010, p.311). Em sua atitude de não filosofar “Ver como pela primeira vez”, sem pensar, o divino se torna simples, uma vez que é o tudo.

Já Espanca vê um ser superior que se manifesta nas coisas ao seu redor como o criador de todas elas, como provedor de graças e bonanças, portanto um supercentro divino, uma relação nítida de panteísmo cristão, usando a denominação de Chardin. É importante atentar também para que a exaltação da natureza, feita por ambos, acompanha a visão que têm sobre divindade: Florbela exalta a natureza como criação divina, Caeiro exalta-a como o próprio divino. Em suma, podemos perceber que Florbela Espanca e Alberto Caeiro convergem em alguns motivos, porém divergem na tematização destes, adquirindo assim, uma identidade própria e legítima que não permite que os dois autores sejam equiparados como semelhantes. Este ensaio consiste, assim, numa iniciação à discussão dessas questões, por abordar uma temática ampla e que, por isso, abre as portas para um levantamento e incitação de futuras pesquisas.

Referências bibliográficas

BÍBLIA Sagrada: (2000) *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

CHARDIN, Pierre Teilhard de (2010) *O Fenômeno Humano*. São Paulo: Cultrix

CHRIST, I. (2009). *Alberto Caeiro: ver para pensar sem pen(s)ar*. AR. O Marrare: Revista da Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, v. 11, pp. 82-93, 2009.

ESPANCA, Florbela (2002). *Sonetos*. São Paulo: Bertrand.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (2002). *Aurélio: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 4. ed.

PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro: obra poética II* (2011). Porto Alegre: L&PM.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1996). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: atual. 17. ed. cor.

SILVA, José Fernando da (2009). *Panteísmo e Solipsismo no Tractatus de Wittgenstein*. Natal-RN: Saberes. V. 1, n. 2, pp. 93-102, maio.

SILVA, Lígia M. M. (2009). *O pansensualismo em Florbela*. São Paulo: Revista Autor. V. 23, p. 1, nov.